



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP**

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634695>

DOI: 0

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2015 by UNICAMP/PAGU. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

# Simone de Beauvoir e o amor americano

(Um tributo a Simone de Beauvoir)\*

Maria Lygia Quartim de Moraes\*\*

Minha vida é um estranho objeto, a cada instante translúcido e inteiramente opaco, que fabrico eu mesma e que me é imposto, e cuja substância o mundo me fornece, e me rouba, pulverizado pelos acontecimentos, disperso, partido, hachurado e conservando, no entanto, sua unidade.<sup>1</sup>

Simone de Beauvoir foi uma das intelectuais que mais contribuíram para o movimento feminista dos anos 1970 e, nesta medida, para as profundas transformações na condição da mulher que marcaram nosso século. Seu livro *O Segundo Sexo*, publicado em 1949<sup>2</sup>, quando a autora completava 41 anos, causou um furor imediato entre os intelectuais e a imprensa francesa, tornando-a uma celebridade nacional e internacional.

Simone de Beauvoir fez parte de uma geração de intelectuais que em meados do século XX justificou a definição de Paris como a capital cultural do mundo. Assim como Sartre, Merleau-Ponty, Camus, Lévi-Strauss, Lacan, Saussure e Raymond Aron, entre outros, Simone assumiu uma projeção internacional

---

\* Recebido para publicação em setembro de 1999.

\*\* Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu.

<sup>1</sup> BEAUVOIR, Simone de. *Sob o Signo da História*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1965, p.280. (Tradução: Sérgio Milliet.)

<sup>2</sup> Em 1956 o livro foi colocado no *index* dos livros de leitura proibida para os católicos.

## Simone de Beauvoir e o amor americano

por meio de seus escritos e de sua vida. É um destes casos em que vida e obra encontram-se entrelaçadas, especialmente ao adotar o existencialismo filosófico, ela fez de seu projeto de vida – produzir uma obra de valor universal – o objeto de suas reflexões e de sua obra intelectual. De maneira que sua biografia remete aos personagens dos seus romances e estes dizem respeito às experiências reais de Simone: ela na intimidade, Sartre, a relação entre ambos, rompendo com as convenções burguesas, em resumo, um estilo de vida muito pouco convencional.

Pertencem à geração de mulheres para as quais os livros de Simone, especialmente *O Segundo Sexo* e *Mémoires de uma moça bem comportada* tiveram uma importância decisiva: ajudaram a nomear um mal estar difuso e a entender a situação da mulher como produto da história e da sociedade. Mais do que isso, a experiência de Simone, seu pacto amoroso com Sartre (pacto que lembra as ligações perigosas: a cumplicidade acima de tudo) exerceram um fascínio extraordinário. Simone não queria ter filhos, nem criar família e nem viver como uma burguesa acomodada.

Como não maravilhar-se com a ousadia desta mulher, que vivia num quarto de hotel – distante de qualquer das atividades familiares típicas das mulheres de classe média –, exercendo uma prática intelectual que gerou uma rica produção de romances, auto-biografias, biografia de Sartre, ensaios filosóficos? Ao mesmo tempo, a dupla Simone/Sartre tornou-se um emblema das relações liberadas e o existencialismo entrou em moda.<sup>3</sup>

O esnobismo misturou-se com isso. Tudo se tornou existencialista, o suéter preto existencialista, os cabelos compridos existencialistas; havia caves existencialistas onde se dançava, bebia-se, cantavam-se canções existencialistas.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> No Brasil, a marchinha carnavalesca falava da Chiquita Bacana lá da Martinica que se vestia com uma casca de banana e era existencialista.

<sup>4</sup> *Apud* FRANCIS, Claude e GONTIER, Fernande. *Simone de Beauvoir*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1986, p.311.

Figuras de projeção mundial, Simone e Sartre viajaram por várias partes do mundo, fazendo conferências, sempre muito ativos politicamente, unidos por um compromisso indissolúvel. Pensei em escrever que nem mesmo a morte conseguiu separá-los, mas me recordei que Simone, descrevendo a morte de Sartre, demonstrou não nutrir fantasias sobre os encontros pós-morte. Ela foi clara: “Sua morte nos separa. Minha morte não nos reunirá...”<sup>5</sup>

O interessante é que Simone, fascinada pelo brilho intelectual de Sartre, foi sempre modesta com relação à sua própria obra e ao impacto de suas teses sobre milhões de mulheres.

#### **As escolhas dos anos quarenta**

A libertação de Paris pelas tropas americanas foi um marco na vida de Simone de Beauvoir. Ela o escolheu como ponto de partida para o quarto volume de suas memórias, intitulado *La force des choses*. Talvez uma referência à importância dos fatos históricos para os sobreviventes da II Guerra Mundial.

Para Simone e Sartre os anos que se seguiram à Libertação de Paris foram de intensa atividade intelectual e é neste contexto que foi lançada, em 1945, a revista *Temps Modernes*. Fundada por Jean Paul Sartre, reunia intelectuais motivados pela oposição ao nazi-facismo.

A produção intelectual de Simone nos anos em questão, explica-se, antes de mais nada, por sua adesão ao existencialismo e sua tese de que o ser do homem é um “ser-no-mundo” (*l'être de l'homme est "un être dans le monde"*), como aparece no artigo “Idéalisme moral et réalisme politique”, sua primeira contribuição à recém fundada revista *Temps Modernes*.<sup>6</sup>

Em 1943, Simone publicou seu primeiro romance, *L'invitée* (*A Convidada*), fruto de quatro anos de trabalho. O livro foi bem

---

<sup>5</sup> Id., ib., p.18.

<sup>6</sup> *Temps Modernes*, n° 2, Paris, novembro de 1945, p.264-265.

Simone de Beauvoir e o amor americano

recebido pela crítica e Simone saudada como uma esperança para as letras francesas. Os anos seguintes ajudaram a consagrar Simone, que publicou *Pyrrhus e Cinéas* (ensaios) em 1944; *Les bouches inutiles* (teatro) em 1945; *Tous les hommes sont mortels* (romance) em 1946, *Pour une morale de l'ambiguïté* (ensaios) em 1946; *L'existentialisme et la sagesse des nations* (ensaios) em 1948; *L'Amérique au jour le jour* (ensaios) em 1948 e, finalmente, *Le deuxième sexe*, em 1949.

Enquanto diva e musa existencialista, Simone gozava da admiração de muitos, mas a partir da publicação de *O Segundo Sexo* começou a falar abertamente da opressão da mulher, mostrar o machismo na obra de autores consagrados, rejeitar a família e a maternidade e, principalmente, analisar a sexualidade feminina, foi vítima de ataques da Igreja, dos intelectuais de direita e da imprensa burguesa. Passou a ser considerada uma mulher imoral e devassa. Na verdade, os ataques de que foi vítima pelas teses defendidas em *O Segundo Sexo* eram reveladores de uma realidade explosiva e, nesta medida, o livro foi, por um lado, satanizado pelos conservadores e, por outro, erigido em bíblia pelas mulheres descontentes com sua situação. Estavam dadas as condições para o feminismo contemporâneo, cujas exigências ultrapassavam a plataforma dos direitos políticos: o feminismo dos anos 1970 pretendeu ser revolucionário.

### Os amores americanos

Tínhamos sido Sartre e eu, mais ambiciosos, tínhamos querido conhecer “amores contingentes”, mas há um problema que tínhamos levemente eludido: como se acomodaria o terceiro com nosso arranjo? Aconteceu de o ter aceito sem sofrimento; nossa união deixava espaço suficiente para amizades ou camaradagens, para romances fugazes. Mas se o protagonista desejava mais, ocorriam conflitos.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> BEAUVOIR, Simone de. *Sob o Signo da História*. Op.cit., p.133.

O pacto amoroso entre Simone e Sartre envolvia situações perversas em mais de um sentido e, pelos relatos da própria Simone, especialmente dolorosas para ela. No início de 1946 Sartre viajara para os Estados Unidos para o lançamento de um número especial da revista *Temps Modernes* tendo em vista a simpatia que os libertadores de Paris exerceram (por tempo reduzido é verdade) sobre Sartre e Simone. Ocorre que Sartre retorna desta viagem muito apaixonado por uma mulher identificada como M.<sup>8</sup> nas referências que lhe faz Simone. Inquieta com a intensidade afetiva da relação, Simone pergunta para Sartre de quem ele gostava mais. –“Gosto muito de M., respondeu Sartre, mas é com você que estou.” “Senti-me angustiada.”<sup>9</sup>

Qual a razão da angústia? Perder o lugar no coração de Sartre, transformar-se em apenas um compromisso a ser mantido por uma questão de honra. Assim, foi uma Simone insegura que embarcou no dia 29 de janeiro de 1945 para realizar uma série de conferências em universidades americanas. Primeiro, encontra-se com M. que está de partida para Paris, para encontrar Sartre. Com toda a honestidade, Simone faz os seguintes comentários sobre esse encontro: “Encontrei M. em Nova Iorque. Ela ia partir para Paris onde ficaria até minha volta. Era tão encantadora como o dizia Sartre e tinha o mais lindo sorriso do mundo”.<sup>10</sup>

A intensa programação em Nova Iorque possibilitou uma melhor compreensão das grandezas e misérias da civilização americana:

Eu estava bem disposta para amar a América; era, sim, a pátria do capitalismo, mas contribuíra para salvar a Europa do fascismo; a bomba atômica assegurava-lhe a liderança

---

<sup>8</sup> Dolorès Vanetti era uma atriz francesa que fugira para os Estados Unidos no começo da guerra, vindo a casar-se com um médico americano rico. Esta e outras informações encontram-se no livro de FRANCIS, Claude e GONTIER, Fernande. *Simone de Beauvoir*. Op.cit., pp.340-341.

<sup>9</sup> BEAUVOIR, Simone de. *Sob o Signo da História*. Op.cit., p.77.

<sup>10</sup> Id., ib., p.129.

## Simone de Beauvoir e o amor americano

do mundo e fazia com que não precisassem temer coisa alguma: os livros de certos liberais americanos tinham-me persuadido de que a grande nação americana possuía uma consciência clara e serena de suas responsabilidades. Caí do alto: em quase todos os intelectuais, mesmo os que se diziam de esquerda, medrava um americanismo digno do chauvinismo do meu pai. (...) Seu anticomunismo beirava a neurose; olhavam para a Europa, para a França, com uma condescendência arrogante.<sup>11</sup>

A estada em Nova Iorque prolongou-se pela decisão de M. de permanecer mais tempo ao lado de Sartre que, então, solicitou a Simone que não retornasse à Paris. Foi nesta ocasião que ela conheceu Nelson Algren, um escritor pouco convencional<sup>12</sup>, por quem se apaixonou. Com Algren, Simone conheceu a América do “outro lado”:

Foi durante essas duas semanas que descobri Chicago: as prisões, os postos de polícia e os *line-up*, os hospitais, os matadouros, os bairros pobres, com seus terrenos baldios e suas urtigas. Vi poucas pessoas.<sup>13</sup>

A relação amorosa estabeleceu-se tendo como premissa a proeminência do pacto com Sartre. Os encontros dependiam das eventuais férias de Simone e se davam sempre nos Estados Unidos, cerca de cinco ou seis encontros até outubro de 1950. Esse período tem seu ponto final com a decisão de Simone de não romper seu pacto de prioridade com Sartre e, da mesma maneira, de continuar centrando sua vida na atividade intelectual, na

---

<sup>11</sup> Id., ib., p.130.

<sup>12</sup> “Quando ela se encontrou com Nelson Algren, ele era considerado um escritor importante, um jornalista agressivo e também poeta. Era a personificação do eterno rebelde, um verdadeiro herói de cinema”. FRANCIS, Claude e GONTIER, Femande. *Simone de Beauvoir*. Op.cit., p.334.

<sup>13</sup> BEAUVOIR, Simone de. *Sob o Signo da História*. Op.cit., p.142.

França. Algren expressou sua dor e inconformidade numa carta da qual Simone transcreveu o seguinte trecho.

Podemos conservar sentimentos por alguém, mas não aceitar que comandem e perturbem toda a nossa vida. Amar uma mulher que não nos pertence, que faz passar outras coisas e outras pessoas à nossa frente, sem que seja possível jamais passarmos em primeiro lugar, não é aceitável. Não lamento nenhum dos momentos que tivemos juntos. Mas desejo agora outro gênero de vida, com uma mulher e uma casa que sejam minhas. A decepção que senti há três anos, quando compreendi que sua vida pertencia a Paris e a Sartre, já envelheceu agora, já embotou. O que tentei fazer, depois, foi retomar minha vida de você. Amo muito minha vida, não me agrada que ela pertença a alguém tão longínquo, a alguém que vejo apenas algumas semanas por ano...<sup>14</sup>

Assim, tanto M., a amante preterida de Sartre, quanto Algren, o amante preterido de Simone, encontraram-se naquela posição dos terceiros que não foram consultados com respeito ao pacto Sartre/Simone. Algren e Simone vieram a se encontrar novamente quase dez anos depois, mas, como sempre, partiu dele a proposta de permanecerem juntos, era dele a mágoa por ter sido preterido e, mais do que isto, de ter tido sua privacidade totalmente desvendada com a publicação de suas cartas amorosas por Simone. Consta que Nelson Algren manteve junto a si, até sua morte, as quase duas mil páginas escritas por Simone, narrando seu cotidiano, falando de sua intimidade e, acima de tudo, revelando-se uma mulher apaixonada.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Id., ib., p.254.

<sup>15</sup> FRANCIS, Claude e GONTIER, Fernande. *Simone de Beauvoir*. Op.cit., pp.342-352.



### Comentários finais

Simone não tinha ambigüidades com respeito ao seu horror pela maternidade e pela relação mãe/filho. No entanto, foi materna com Sartre, cuidando dele como se cuida de um bebê, escrevendo até o seu diário da velhice. Mas, de qualquer maneira, rejeitando a gravidez e a maternidade Simone também rejeitava a família burguesa e o estilo de vida do lar-doce-lar. Nisso residiu a força de Simone: poder se dedicar integralmente ao trabalho intelectual e produzir uma obra notável. Não foi ela quem estabeleceu uma espécie de metodologia para o estudo de gênero com a famosa frase “não se nasce mulher, torna-se”? Não é exatamente essa a substância do conceito de “relações de gênero”?

O casal Sartre-Simone, por outro lado, pode ser pensado como o protótipo do modelo do *dink* (*double income no kids*/dois salários sem crianças). Simone optou por viver no masculino, ou seja, segundo aquilo que em seu tempo era prerrogativa do homem: não se ocupar com afazeres domésticos, ter um trabalho relevante, poder flunar pelas ruas e freqüentar bares e cafés, enfim, exercer a liberdade masculina. Este modelo era incompatível com a maternidade e a vida familiar.

Simone foi fiel à sua escolha até o fim. Graças à sua obra e vida muitas mulheres passaram a enxergar o mundo de forma diferente e a lutar pela igualdade com os homens. Atentas aos ensinamentos de Simone, que enfatizava a importância da autonomia financeira, as mulheres, nas sociedades industriais do mundo ocidental, puderam lutar pelo direito ao trabalho assalariado, ao anticoncepcional, pelo direito de se casar sem ter de adotar o sobrenome do marido, de se divorciar sem ser taxada de mulher fácil, de encontrar creches e outras formas de auxílio às funções maternas. Essas conquistas possibilitaram, entre outros benefícios, que muitas mulheres pudessem conciliar trabalho remunerado e maternidade. Pois, para muitas de nós, um projeto de vida que deixasse de lado a maternidade teria deixado de lado

Maria Lygia Quartim de Moraes

uma experiência constitutiva da feminilidade. Ao mesmo tempo, os ensinamentos e o exemplo de Simone ajudaram a tornar socialmente aceitável a decisão de não ter filhos, de não se casar, de organizar uma vida autônoma. Na verdade, Simone “desconstruiu” a suposta universalidade do “ser mulher” e apontou para outras vias e opções para todas aquelas que ousassem querer.